

# Miséria ao lado do poder

Na capital dos contrastes, o rendimento dos bem-nascidos supera em 27 vezes o dos miseráveis

ANA HELENA PAIXÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

**"T**emos aqui o melhor e o pior. A Finlândia e a África", afirma a socióloga Natália Mori, que observou durante um ano os contrastes sociais do Distrito Federal para elaborar sua tese de mestrado na Universidade de Brasília (UnB). "Quis registrar as diferenças tidas ainda como invisíveis, mas totalmente presentes em nosso dia-a-dia. A Brasília pós-moderna, envidraçada, segura, rica do Plano Piloto. E as carroças, os catadores e a pobreza da periferia." A socióloga não precisou andar muito para elaborar seu mapa da segregação social.

Pesquisa da Organização das Nações Unidas (ONU) e outra da Secretaria de Planejamento do DF dimensionam o abismo social e econômico que separa ricos e pobres. O rendimento dos bem-nascidos supera em 27 vezes o dos miseráveis. No melhor lugar para um brasileiro viver, o Lago Sul, cada membro de uma família recebe, em média, R\$ 2.798 por mês. No Itapoã — o pior endereço do DF —, um pai de família ganha R\$ 102. Isso, se tiver algum rendimento.

O Itapoã foi o primeiro loteamento irregular incluído nas estatísticas oficiais, que só medem o rendimento e o perfil socioeconômico das cidades consolidadas. A inclusão ocorreu, segundo explicou o secretário de Planejamento, Ricardo Penna, porque se trata da maior favela local, que está em fase de regularização. A realidade enfrentada por moradores de outros bolsões de miséria do DF, portanto, é ainda pouco conhecida.

Uma dessas localidades é o bairro Pacheco, loteamento que abriga famílias de baixíssima renda no Vale do Amanhecer, em Planaltina. A dona-de-casa Rosilda de Jesus Pereira, 35, e o marido Abadio Antunes de Oliveira, 57, criam os três filhos como podem. A mais velha, de 13 anos, mora com uma tia em Luziânia (GO). "Faço faxina em Luziânia

Marcelo Ferreira/CB/12.4.05



ROSILDA, NÔ E OS FILHOS DIVIDEM UMA CASA DE MADEIRITE EM PLANALTINA: RENDIMENTO MENSAL DE R\$ 100

de 15 em 15 dias. O Nô (apelido de Abadio) tem um problema no pé. Não pode mais trabalhar. Mas, quando aparece, faz bico e conserta coisas para os vizinhos", conta. "De certo mesmo, temos a bolsa-escola (Renda Minha) do meu menino de seis anos. O Iago, de três anos, ainda não es-

tuda. Mas os dois recebem pão e leite."

A família ainda não conta com luz no lote. Puxou uma gambiarra. Cleiton, 6 anos, e o tio Jefferson, 18, enfrentam diariamente uma caminhada de três quilômetros para chegar ao colégio. Rosilda não os deixa ir à escola em dias de chuva. "É pe-

rigoso. A rua vira rio." Apesar das dificuldades, a família é feliz. Tem seu teto: um barraco de madeirite de 48 m<sup>2</sup>. "A telha está furada, às vezes chove dentro de casa e faz muito frio. Mas vou arrumá-la aos pouquinhos", planeja Nô. O problema é saber com que dinheiro. Na terça-feira, 12 de abril, a família almoçou arroz, feijão e farinha. Se sobrasse, as crianças jantariam. Do contrário, adultos e crianças só fariam nova refeição no dia seguinte.

É impreciso o cálculo da legião de pobres que precisa de ajuda no DF. Atualmente, 97 mil famílias são atendidas em algum tipo de programa assistencial do governo local. "Hoje, 60% dessas famílias têm renda familiar per capita entre zero e R\$ 50", detalha a diretora da Agência de Desenvolvimento Social do DF, Joselina Ribeiro. Para a ONU, o DF é a unidade da Federação com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que mede a escolaridade, saúde, qualidade de vida e longevidade de uma população. Segundo a Síntese dos Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o DF tem cobertura de água, luz, coleta de esgoto e saneamento básico na faixa dos 90%.

Mesmo quem não conta com nada disso afirma que o quadrilátero é o melhor lugar do mundo para morar. Para a catadora baiana, Euzir Alves Damasceno, 45, a cidade ainda é a capital da esperança. "Moro no meio desse mato, cercada do papelão que eu e meus filhos catamos, há nove anos. O governo nos tira, a gente volta. É nossa casa." Seu endereço é nobre. Do quintal, no meio do cerrado invadido, ela avista a bandeira brasileira que tremula no Panteão da Liberdade. Chega em menos de cinco minutos à Vila Planalto, onde as crianças da família estudam, ou à Praça dos Três Poderes. "Fui lá na praça ver a posse do (presidente) Lula. Coisa bonita. Eles (os presidentes) vão embora. Também me tiram, mas eu volto. Não temos nada, nem pão, nem leite, nem Renda Minha. Mas não falta nada aqui."